

Como podemos definir Igreja Relacional?

Vivemos um período onde existem muitas formas de ser e viver igreja. Nesta variedade de modelos, surge a necessidade de refletir a respeito da essência da igreja, daquilo que não podemos abrir mão e o que realmente deve ser priorizado.

Acredito que a prioridade de um discípulo de Jesus é seu relacionamento com Deus e com o próximo. A partir desses relacionamentos, o cristão irá cumprir a grande comissão e viver os propósitos de Deus na Terra. Logo, se nossa prioridade são esses relacionamentos, a igreja precisa ser um lugar que encoraja e promove esse relacionamento vertical e horizontal. Dessa compreensão surgiu a expressão Igreja Relacional.

Mas, surge a pergunta: Como devem ser esses relacionamentos?

Creio que nosso relacionamento com Deus e com o próximo deve ser intencional, constante e motivado pelo amor ágape.

A intencionalidade é fundamental para construirmos nossos relacionamentos. Através dela seremos pró-ativos no processo de construirmos pontes com outras pessoas ao invés de levantarmos muros. Ser constante preservará nossos relacionamentos, nutrindo eles através de uma convivência sustentável e duradoura. Mas, além de ser intencional e constante, precisamos da motivação certa, e ela deve ser baseada no amor a Deus e ao próximo.

Pelo exposto, entendo que a igreja deve priorizar ajudar as pessoas em seu relacionamento com Deus e encorajar as mesmas a construírem relacionamentos saudáveis com outras pessoas. O reino de Deus é um reino de comunhão, pois Jesus Cristo nos convida a termos comunhão e a fazer novos relacionamentos cristãos. Sendo assim, que nosso evangelismo, discipulado e ministério sejam a partir de nossos relacionamentos.

Mas, o que tornou as igrejas a serem estruturais e não relacionais?

Vivemos tempos de muitos desafios para a existência da igreja em que precisamos decidir se vamos continuar presos as estruturas que criamos ou se vamos dar passos no sentido de resgatar o sentido bíblico da igreja, como comunidade relacional e não programática.

A base teológica da igreja baseada em relacionamentos é a personalidade de Deus e o Seu desejo de se relacionar com a humanidade, pela necessidade que temos de Sua presença em nossas vidas. Observe bem, não é Deus que necessita de

nós. Por Sua misericórdia Ele decide não nos privar da Sua presença e do Seu amor, visto que isto seria o nosso fim.

Deus se revela nas Sagradas Escrituras como aquele que almeja ter comunhão com o ser humano, embora a verdadeira comunhão requeira que tanto nós quanto Deus concordemos com ela.

Por que a igreja contemporânea se inclina tanto para o pragmatismo e negligencia os relacionamentos?

O maior obstáculo para uma compreensão ou aceitação da eclesiologia relacional, ou seja, de uma igreja baseada em relacionamentos, reside na influência da filosofia grega sobre o pensamento cristão. Juntamente, agregada a resistência da natureza humana pecaminosa a comunhão plena com Deus.

A doutrina de Deus na igreja primitiva, na idade média e no período ortodoxo é uma mistura de filosofia grega. Alias, a luta dos reformadores do século XVI, foi sobretudo, uma luta pela descontaminação do pensamento bíblico das influências gregas.

Mas, em que precisamente a filosofia grega influenciava o pensamento teológico cristão?

Na percepção metafísica, transcendental de Deus, que negava o seu caráter pessoal, histórico e relacional. Para os gregos a experiência do homem com Deus se dava apenas na esfera mística, platônica, enquanto para a própria Bíblia a experiência sempre é mais real e pessoal.

Por que o cristianismo das origens se helenizou?

A helenização do cristianismo teve razões históricas. No mundo em que os cristãos viviam, as pessoas pensavam, falavam e viviam helenisticamente; a igreja tinha a preocupação de expressar a fé nos moldes da linguagem e do pensamento da época.

Mas, o problema não reside nesta contextualização. O problema é que as raízes históricas foram transformadas em dogmas e depois canonizadas litúrgica e legalmente. O processo de helenização que originalmente destinava-se a contextualização tornou-se uma convenção tradicionalista.

Suposições das tendências filosóficas, teológicas e históricas sobre Deus

Antes de considerarmos as suposições que tem sido feitas sobre Deus ao longo da história, é importante frisar que tais suposições afetam nosso comportamento e nossas ações como indivíduos e como igreja também.

Por exemplo, alguém que pensa em Deus apenas em termos metafísicos, não considera vê-lo intervir nos eventos da vida. Em sua experiência Deus não desce ou vai ao encontro, ele é quem sobe e vai ao encontro. Com efeito, a igreja sob este tipo de concepção não vê razões para se envolver com os eventos históricos porque eles não fazem parte da sua percepção teológica.

Luiz Carlos da Silva Filho

luizcarlos@mbpalavraviva.org